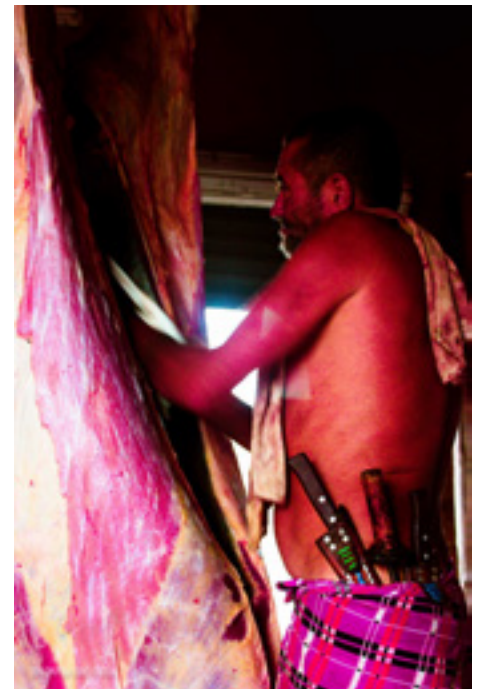


Pesquisador no Grupo de Estudos Migratórios (CEM), Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

EDSON PRUDENCIO DE LIMA

A DESSENSIBILIZAÇÃO DO COTIDIANO





EDSONPRUDENCIO.COM





EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM



EDSONPRUDENCIO.COM









EDSONPRUDENCIO.COM

EDSON PRUDENCIO DE LIMA

A DESSENSIBILIZAÇÃO DO COTIDIANO

INTRODUÇÃO

No terceiro dia das minhas férias familiares no agreste pernambucano, em julho de 2014, levei meu sobrinho para atirar pedras em um açude e vê-las deslizando sobre a água. Quando se é menino - seja com 10 ou 35 anos -, é divertido ver o movimento rápido e horizontal das pedras arremessadas com força contra a superfície da água.

No caminho, vi com surpresa aquela pequena construção simples que minha memória havia tratado de registrar, desde criança, como uma fachada suja, desbotada e proibida. Como a pintura nova denunciava, o matadouro local havia sido reformado. Ao fundo, do lado esquerdo, em um cercado, um grande boi preto se comportava como um grande boi preto.

Seguimos em frente, chegamos ao açude, brincamos e nos cansamos. Era hora de voltar e tomamos o caminho de terra batida, passando pelo matadouro.

ÉTICA E ESTÉTICA

Quando olhei pra trás, como para me despedir visualmente daquele lugar, percebi que o grande boi preto já não estava lá, e a porta de alumínio do minúsculo matadouro estava aberta. Ainda de mãos dadas com meu sobrinho, me aproximei do lugar escuro e vi o boi, grande e preto.

Morto.

Estava de barriga pra cima, patas amarradas a quatro estacas cravadas no chão e sem metade de sua pele,

que era habilmente retirada de seu corpo pelas mãos rápidas de dois homens rústicos.

O boi preto, pele exposta, agora era boi branco. Ou já não era boi. Era carne. O boi preto era carne vermelha.

Uma segunda porta na parte de trás daquele lugar úmido e escuro dava para o cercado onde o boi era mantido - por pouco tempo - antes de entrar à força para ser abatido. Sem me mover, percebi que essa abertura formava uma segunda contraluz valiosa para iluminar naturalmente o pequeno matadouro. Além disso, a grande poça de sangue que se espalhava no chão a cada animal abatido refletia um pouco do movimento de mãos, pés, facas, órgãos, cabeça, chifres e tudo o que era e deixasse de ser ao redor da carcaça do ex-boi. Crua e selvagemmente, a estética daquele lugar - de cheiro forte e pesado a cada estômago bovino retirado - se revelava diante de mim.

Ainda estático, olhei ao redor do boi e vi algumas crianças sujas e descalças andando naturalmente sobre o sangue fresco do boi morto. Quando cheguei, o choque da cena inicial, em que o bicho era personagem central e passível de pena, tinha agora gente como razão súbita de ser.

Resolvi fotografar tudo; ética e esteticamente.

O COTIDIANO

Depois de uma vida curta, um animal vegetariano é morto a marretadas enquanto solta fezes pela própria boca ao cair no chão de cimento frio, que logo terá a cor de seu sangue. Entre alguns adultos, uma das crianças presentes grita, ao observar o homem esquelético que levanta a marreta, como se fosse um torcedor a cada golpe certo: “Tome!”.

Instantes depois, as outras três ou quatro crianças do lugar se ocupam de limpar e esquentar as patas e algumas partes do intestino do boi em um caldeirão improvisado do lado de fora. Todos os filhos da mãe desdentada circulam descalços dentro e fora do matadouro, entre fumaça, sangue e fezes enquanto brincam e brigam entre si.

Do lado de dentro, os homens que se ocuparam metodicamente de tirar a pele, as patas e o estômago do boi, agora dão forma e “vida” a cortes de carnes mais ou menos nobres.

O fotógrafo, cada vez menos atônito, se movimenta com cuidado para não resvalar nos órgãos bovinos pendurados ao redor do matadouro e para não molhar de sangue seu equipamento caro. Enquadra a cena,

acerta o foco e se preocupa com uma composição precisa, em que os elementos estejam bem distribuídos no visor.

De volta a nosso cotidiano - embora somente o do outro possa parecer desumano -, como negar, diante do recorte competitivo da frieza urbana, que o mendigo é invisível e que as crianças ainda distribuem bilhetinhos que pedem dinheiro no farol?

Como negar que a preocupação estética na fotografia social possa ter vieses - assim como os pedaços do boi que aqui vêm em pacotes - mais ou menos nobres?

OS HOMENS RÚSTICOS

De volta ao pequeno matadouro escuro, dois homens cuidavam da tarefa prática de assegurar que o ex-boi pudesse ser vendido como comida.

Instantes depois do primeiro contato, quando perguntado se haveria problema em fotografar tudo aquilo, um deles, um senhor magro e barbudo, responde nordestinamente: “O problema é você queimar a máquina. A gente é muito feio!”.

Nos dias seguintes, quase sempre vestindo apenas chinelos e bermuda, me cumprimentavam simpaticamente quando os via no vilarejo, mesmo fora do expediente.

O mais velho, o senhor barbudo, parecia trabalhar desgraçadamente.

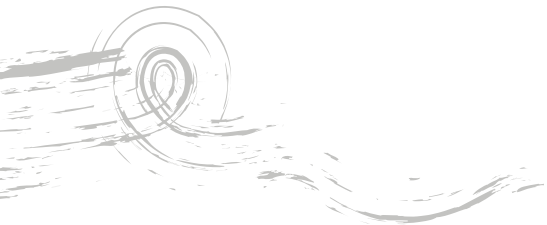
AS CRIANÇAS

Pretinho tem 10 anos, é magro, e tem sorriso fácil; maroto. É tímido e fala pouco. É amigo dos irmãos Eduardo, Marivalda (a Valdinha), Tubiba e Janaína.

Eduardo tem 6 anos e é um moleque “clássico”: ri muito, brinca, pergunta sempre, corre pra todo lado e tem um olhar curioso; de moleque.

Valdinha é simpática. Aos 10 anos tem um sorriso cativante. É educada e me chamava de “senhor”. “O senhor vem amanhã?”. Tinha as unhas pintadas de um verde brilhante e descascado. Pra mim, era a típica irmã mais velha bondosa, que se preocupa e se diverte com os irmãos.

Acho que Tubiba tem 8 anos. De vez em quando dava uns cascudos no irmão menor. Quando lhe perguntei se ia à escola, as irmãs trataram de responder: “Ele vai uma vez ou outra. E quando vai, dorme”, disse Valdinha. A pequena Janaína preferiu resumir naturalmente: “Tubiba tem preguiça...”.



Janaína foi quem primeiro me cativou. Tem 5 anos. Pequena e de olhos verdes, me seguia ora pedindo para ver as fotos na câmera, ora só para ter minha atenção. Pressionava meu braço com o dedo indicador e, como quem vê o mundo de baixo pra cima, simplesmente sorria quando eu a olhava. Ficou dois dias com umas moedinhas na mão: era pra comprar sorvete de morango, “do pequeno”, disse.

A menina que aparece à direita na foto das crianças não ficava muito tempo com seus irmãos no matadouro. Por isso, não sei seu nome e não me lembrei de incluí-la nas contas quando minha mãe e eu compramos algumas roupas e chinelos para seus irmãos. Ela tratou de compensar minha distração pegando uma calcinha dos pacotes de presente e eu tratei de aplacar minha vergonha comprando um chinelo para ela minutos antes de pegar a estrada de volta.

“Vai ganhar um chinelo colorido”, disse a pequena Janaína enquanto sua irmã escolhia o calçado no mercadinho.

A DESPEDIDA

No último dia, decidi não fotografar nada que deixasse rapidamente de ser. Naquela derradeira tarde de garoa, depois de fotografar somente os pequenos brincando, e cercado por aquelas personalidades simpáticas e frágeis, chegara o momento angustiante de me despedir.

“Para onde o senhor vai viajar?”, perguntou Valdinha.

“Vou para São Paulo”, respondi.

texto recebido

23.06.2016

texto aprovado

31.08.2016

Segurando meu braço, o moleque Eduardo resmungava inconformado: “Viagem não...”.

Voltei quieto, segurando o choro. Aquilo não era meu cotidiano.



EDSON PRUDENCIO

Analista de sistemas, professor de inglês e espanhol e fotógrafo de espetáculos de dança e teatro. É membro do Grupo de Estudos de Migração do CEM/Labur-USP e trabalhou como voluntário na Casa do Migrante entre 2006 e 2007, em São Paulo. Durante alguns anos, fotografou culturas e pessoas dos lugares em que visitou, sensibilizando-se pela vivência na Inglaterra e no Peru, locais onde morou. Busca em sua narrativas visuais o fazer artístico e os problemas sociais.